



## O HISTORIADOR E A MEDIAÇÃO EM ACERVOS IMAGÉTICOS: entre a prática e as múltiplas abordagens<sup>1</sup>.

Guilherme Talarico  
 doutorando em História  
 UFG  
 talarico.gui@gmail.com  
<http://lattes.cnpq.br/4134429141856422>

### RESUMO

Proponho uma reflexão sobre o papel do profissional de História dentro de projetos institucionais, especificamente frente a acervos imagéticos, como no caso do Projeto de “Preservação, inventário e difusão do Acervo AloisFeichtenberger, com ênfase na obra fotográfica” – desenvolvido pelo Museu da Imagem e do Som de Goiás, executado entre os anos de 2008 e 2010, com financiamento do BNDES. A importância do profissional da História nesse tipo de projeto, qual o perfil da instituição e os enfrentamentos que poderão surgir, são algumas questões abordadas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fotografia; Acervo; Memória; Profissão do Historiador.

O primeiro contato com o Acervo ocorreu alguns anos antes da efetivação do projeto, em 2002, quando a diretora técnica do MIS, Stela Horta Figueiredo, nos convidou para auxiliar no levantamento e higienização prévia do acervo legado pelo fotógrafo AloisFeichtenberger. Como se tratava de um volume considerável de registros fotográficos, caixas de negativos e material textual, para que se concluisse a contento essa etapa preliminar, foi firmado um contrato particular de prestação de serviços para essa finalidade com o Sr. Kurt Feichtenberger, herdeiro do fotógrafo. Felizmente, com a elaboração do projeto e aprovação do convênio com a agência financiadora, por meio do Edital de Modernização de Museus do BNDES, esse trabalho pode ser aprofundado e uma fonte inestimável de material iconográfico e documental foi disponibilizada ao público.

Por ser uma instituição de guarda e difusão, na qual se concentra boa parte da produção histórica, tanto imagética quanto fonográfica feita em Goiás<sup>2</sup>, o MIS-GO adotou uma

<sup>1</sup> Este texto é parte dos estudos que compõem a tese de doutorado em História, pela UFG, com título provisório de “AloisFeichtenberger – fotógrafo: diferentes olhares e temporalidades sobre Goiás e o interior do Brasil (1928-1986)”, sob a orientação da ProfªDrª Fabiana de Souza Fredrigo.

<sup>2</sup> O Museu da Imagem e do Som de Goiás se mantém como centro de referência na região Centro-Oeste, especialmente no que se refere ao conhecimento técnico em conservação e disponibilização de acervos fotográficos. O MIS-GO também disponibiliza significativo material de referência em cinema ambiental, por ser o depositário dos vídeos inscritos no FICA – Festival Internacional de Cinema Ambiental. Desde 2010, também está disponível, em meio digital, o material produzido pela TV Brasil Central, empresa pública de telecomunicações, pioneira na região. E,



metodologia de trabalho que incluiu e valorizou fortemente a pesquisa história em todas as etapas da ação. O que envolveu, paralelamente à higienização e tratamento técnico do material fotográfico, a pesquisa histórica tanto documental quanto imagética para leitura e identificação de imagens, elaboração de descritores e criação de ferramentas de arrolamento e consulta, além, obviamente, de compor um melhor entendimento da trajetória profissional e pessoal do fotógrafo até que se atingisse a finalidade do Projeto, qual seja a efetiva constituição do Acervo AF e sua disponibilização como um todo.

Esta postura do Museu, em incorporar historiadores na equipe de trabalho, se deve, em nosso entendimento, a alguns fatores: a) pela importância das imagens legadas por Feichtenberger, um dos pioneiros da fotografia em Goiás, em especial durante a construção de Goiânia; b) pela abrangência nacional e internacional de seus registros; c) pela consciência da importância, e necessidade para se compreender o conteúdo de fontes imagéticas, da incorporação do maior número possível de informações escritas que tragam referência sobre as imagens; d) pelo protagonismo exercido pelo MIS-GO<sup>3</sup> na disponibilização de documentos imagéticos, o que levou à busca pelo aprofundamento dos dados oferecidos aos pesquisadores.

Para estrelato procurarei aprofundar essas questões e apresentar um brevíssimo histórico do nosso personagem-fotógrafo, o que, por si, é reflexo da quantidade de informações contidas no Acervo e da pesquisa que se desenvolveu durante e após o Projeto AF.

Alois Feichtenberger, oriundo de Styria, região dos Alpes Austríacos, imigrou para o Brasil com o pai e irmãos, chegando ao porto de Santos no dia 28 de novembro de 1925. Após passar pelas costumeiras dificuldades enfrentadas pelos imigrantes na capital paulista, Alois conhece um fotógrafo e comerciante alemão, que o convida para ser seu auxiliar em uma viagem para o Pantanal Matogrossense, em abril de 1929. Como deixou registrado em seu diário da

---

também, toda a produção fonográfica goiana até meados da década de 1990, após o Museu receber, higienizar e catalogar os discos de vinil que pertenciam à discoteca da Rádio Brasil Central. Estes dois últimos projetos contaram com financiamento da Petrobrás, em edital de 2009.

<sup>3</sup>Para mais informações sobre o perfil museológico do MIS|GO, Tânia Mendonça (2001) apresenta o histórico e esboça um diagnóstico do museu. Já a obra da Profa. Dra. Manuelina Duarte Cândido (2014) tem sido uma importante referência para a interdisciplinaridade entre as práticas museológicas e historiográficas.

época, era a oportunidade que esperava para fazer as coisas que mais gostava na vida “cavalar, caçar e fotografar”. Esta primeira aventura foi a escola de fotografia de AF.

Entre idas e vindas para o Pantanal e região do norte paranaense (de 1929 a 1932), vai apurando sua técnica e procurando trabalhos como fotógrafo. Alois registra a chegada dos trilhos de trem no norte e o oeste paranaense, ligando o Pantanal a São Paulo, o cotidiano das colônias de imigrantes e o surgimento de novas cidades. Mas seu espírito aventureiro busca novos roteiros. O pai e os irmãos se estabeleceram em Itapetininga, na antiga rota dos tropeiros paulistas. Alois parte para a região de garimpo no Triângulo Mineiro.

Em 1933, constrói no garimpo de ouro e diamantes uma frutífera amizade com Divino de Oliveira, que compartilha com o fotógrafo o desejo de seguir para frente de trabalho da nova capital de Goiás. Alois volta a São Paulo para organizar seu material de trabalho, e em meados de 1936 já está fotografando em Goiânia (Fig. 1). O amigo Divino de Oliveira, que havia se tornado secretário particular do primeiro prefeito a ser nomeado para a nova capital, Venerando de Freitas, não teve dificuldade de encontrar uma colocação para Feichtenberger como fotógrafo do Departamento de Propaganda e Expansão do Estado, então dirigido por Câmara Filho.



Fig. 1: Carro de bois na Praça Cívica. 1937. Acervo AloisFeichtenberger, MIS|GO.



Com esta atribuição faz muitas viagens pelo interior do Estado. Na Colônia de Uvá, um projeto de colonização que fixou algumas famílias de camponeses de origem germânica numa área de cerrado próxima à cidade de Goiás, Feichtenberger faz muitos amigos e registra o cotidiano dos conterrâneos. No dia 21 de março de 1937, parte para fazer o registro fotográfico de uma expedição política até o norte de Goiás, na junção entre os rios Tocantins e Araguaia (hoje Estado do Tocantins). A viagem programada para noventa dias acabou durando dez meses, e foi marcante para o fotógrafo. Entre as inúmeras dificuldades enfrentadas no trajeto pelos rios e por terra, Alois contraiu malária (ou paludismo, como se dizia à época), o que viria “salvar sua vida” posteriormente, como registrou em um de seus textos autobiográficos.

As dificuldades por que passou fizeram acender em Alois a saudade da terra natal. Em julho de 1939 já está de volta à Áustria. Apenas uma semana após sua chegada o país é anexado pelo *III Reich* e Alois convocado para frente de batalha. Providencialmente, a malária contraída em Goiás evitou que ele fosse designado para as campanhas do leste gelado. É enviado para a Postdam, na Alemanha, onde se especializou em fotojornalismo, atividade nova, mas muito requisitada para as demandas da propaganda política do regime. Acompanhou soldados pelos Balcãns, Grécia e Creta, de onde enviava constantemente material para diversos jornais e revistas de países de língua germânica. Na ilha do Mediterrâneo, entre fins de 1942 e 1945, realizou uma série de fotos em que registra o cotidiano dos cidadãos e camponeses, material que viria a compor seu primeiro e único livro de fotografias<sup>4</sup>.

Com as dificuldades do pós-guerra Alois apenas encontra trabalho em centros turísticos e publicações de esportes na neve. Chega a ser responsável pelo estúdio fotográfico do Departamento de Turismo da região do Saar, patrimônio natural da humanidade, nos Alpes, mas a situação está muito monótona para seu espírito irrequieto. Alois decide voltar ao Brasil.

Já em março de 1952 se encontra prestando serviços fotográficos para a Comissão das Comemorações do IV Centenário da capital paulista e para as Edições Melhoramentos, por meio da

<sup>4</sup>*Kreta - Eine Insel im Herzen der alten Welt* (Uma ilha no coração do velho mundo), foi publicado com textos do jornalista Erwin Stürzl, em Viena, em setembro de 1948.

qual publica fotos da cidademoderna (Fig. 2), em contraponto com antigas cenas urbanas, no álbum *São Paulo Antigo, São Paulo Moderno* (1953).



Fig. 2: Foto da ponte da Rua do Gasômetro, no Parque Dom Pedro II, São Paulo. 1953.  
 Alois Feichtenberger. *São Paulo Antigo, São Paulo Moderno*. Edições Melhoramentos, p. 43.

Na capital paulista também trabalhou para o Departamento de Produção Animal do Estado, entre 1952 e 1955, atual Parque da Água Branca, na Zona Oeste da capital; para a S/A Indústrias Matarazzo, entre 1957 e 1960, para a qual registrou as linhas de produção, fábricas e empreendimentos da empresa em São Paulo e em outros estados; além do próprio estúdio fotográfico, o Estúdio Viena, que manteve em sua casa, no bairro de Higienópolis. Desde seu retorno ao país, Feichtenberger segue como correspondente de diversos jornais estrangeiros e, agora, também de jornais paulistas de língua alemã.

Alois jamais se sentiu à vontade na cidade grande. Sempre que podia visitava os amigos em Goiânia, com os quais participava de pescarias no rio Araguaia. Com o advento de Brasília, em junho de 1960, Feichtenberger se estabelece definitivamente em Goiânia. Rapidamente é acolhido pelo meio artístico e intelectual da cidade e reconhecido como “o fotógrafo predileto do meio cultural da capital”, assim afirma o epíteto de uma reportagem sobre o

fotógrafo em recorte de jornal da época<sup>5</sup>. Participou efetivamente de clubes de fotografia, acompanhava visitantes ilustres aos pontos turísticos do Estado e foi premiado em diversos concursos fotográficos promovidos na capital.



Fig. 3: Praça do Botafogo e Avenida Anhanguera. 1962. Acervo Alois Feichtenberger, MIS|GO.

Suas “fotos sociais” compõem um volume considerável de sua obra no período entre as décadas de 1960 e 1970. Além disso, foi prestador de serviços fotográficos para praticamente todas as empresas estatais goianas (CELG, COTELGO, CEMA, SANEAGO, etc), viajando por todo o Estado, cobrindo um período de acentuada expansão dos serviços públicos e de desenvolvimento em Goiás. Chegou, inclusive, a desenvolver um sistema de cobrança tarifária por meio do registro fotográfico dos medidores de energia e de chamadas telefônicas, prática que funcionou por algum tempo. Enfim, Alois trabalhou até o seu último dia de vida. Suas imagens cobrem, portanto, um período que se estende de 1928 a 1986.

<sup>5</sup> Fazia parte de um grupo de artistas e escritores em que circulavam nomes como, Maria Guilhermina, Siron Franco, Neuza Moraes, Goiandira Couto, Amália Hermano, Bernardo Élis, entre outros. Em 1976, a vernissage de sua retrospectiva fotográfica foi realizada juntamente com o lançamento de um livro de Cora Coralina, com quem também manteve amizade.



Acreditamos, por esta breve retrospectiva da profícua carreira do fotógrafo, ter deixado claro o valor histórico do seu Acervo. Como profissional apaixonado e demonstrando sempre ser muito cuidadoso com seus registros, Alois manteve ao longo de toda sua carreira uma documentação bastante rica sobre todos os seus trabalhos. Todas essas informações são resultado da pesquisa detalhada, devidamente ordenada, arrolada e arquivada, da sua documentação pessoal e profissional.

Além do vastíssimo material fotográfico – contendo 130 negativos de vidro, 42.000 negativos flexíveis, 7.500 ampliações, 400 diapositivos e 11 álbuns –, seu Acervo possui uma completa documentação pessoal e profissional que subsidiou a identificação da sua obra fotográfica e permitiu a recuperação de sua trajetória pessoal e profissional. Dentre eles, destacam-se os artigos, relatórios e diários que trazem, além de comentários sobre suas atividades, outras percepções sobre locais, principalmente, nos marcantes períodos da história goiana nas décadas de 1930, marcada pela mudança da capital do Estado, e 1960, após mudança da Capital Federal.

Mas, sobretudo no enfoque que procuraremos desenvolver em nosso trabalho, a trajetória e a obra de Alois Feichtenberger podem apontar para percepções de outras temporalidades. Tanto as eternizadas pelos seus registros e pelos seus artigos, como as deixadas em suas memórias e nas diversas ‘funções’ que atribui ao seu acervo com o passar dos anos.

A diversidade e a riqueza documental do Acervo AF, portanto, é um dos fatores que influenciou sobremaneira a atuação de historiadores na ação do MIS-GO (além de um pós-graduado, outros quatro estagiários da área de História participaram do Projeto). Como exercício da diversidade de temas possíveis de serem trabalhados historicamente utilizando-se do Acervo AF, realizamos uma sessão coordenada dentro da VII Semana de História da UFG (2008). Na ocasião foram tratados questões como o olhar estrangeiro de Alois para o interior do país e as “mudanças e permanências” que se pode observar em seus registros das décadas de 1930, 1950 e 1970; o “contexto político” em que fez suas fotografias na década de 1930; as condições de vida dos imigrantes germânicos na região do cerrado; e, ainda, uma reflexão sobre a “institucionalização dos espaços de pesquisa” de Goiás (UFG, 2008).



Toda tipologia documental que serve de auxílio na análise e elaboração de qualquer estudo histórico, ou de ciências sociais, que utilizem da iconografia como elemento de fundamentação, podem ser encontradas no Acervo AF: as fontes “escritas, iconográficas, orais e objetos” (KOSOY, 2014, p. 71) estão à disposição do pesquisador. São documentos e objetos imprescindíveis para relacionar a produção fotográfica de Feichtenberger com toda sua trajetória, bem como sobre a circulação e recepção de cada registro imagético feito pelo fotógrafo.

O que nos leva a algumas questões de ordem ética com relação ao trabalho do profissional de História frente ao seu objeto de estudo e trabalho. No caso do Acervo AF, não houve por parte da família do fotógrafo nenhum tipo de preocupação com a seleção do material doado. Um cômodo inteiro da casa do fotógrafo, onde funcionava seu laboratório e após seu falecimento serviu como depósito para tudo o que se relacionava à sua vida, foi inventariado e doado como parte do Acervo. Portanto, tanto fotos pessoais, como diários, documentos e correspondências foram inventariados e compõem seu acervo.

Tomarei alguns exemplos objetivos para o problema que gostaríamos de ressaltar. Seus documentos pessoais foram fundamentais para contextualizar historicamente sua longa viagem ao norte de Goiás em 1937. Mas existiria alguma relação entre o conflito pessoal estabelecido entre Alois e o senador Nero de Macedo, como deixou registrado em seu diário da época, e as fotos produzidas para o seu relatório de viagem? A que ponto o desentendimento entre os dois personagens históricos influenciou os registros produzidos por Alois? E se houve influência, qual a relevância histórica deste fato pessoal para as informações legadas por seus registros fotográficos?

Outra questão de ordem ainda mais delicada: a que ponto a preocupação de Alois com os processos e as prisões de ex-oficiais do exército alemão encontrados em países latino americanos é relevante para se estabelecer uma relação com sua produção fotográfica? Dentre as imagens do Acervo do período em que cobriu a ocupação alemã nos Balcãns e Creta não constam cenas de combate. Mas sabe-se que a batalha na região foi intensa e sangrenta. Houve uma preocupação do fotógrafo em escamotear este período da sua produção? Por que, então,



manteve entre seus pertences pessoais algumas condecorações, salvo-condutos, cadernos de suprimentos, fotos de caserna?

Entre as diversas atribuições que, na prática, competem (ou não) ao trabalho do historiador em instituições e unidades informacionais não raroparamo-nos com conflitos dessa ordem. Além, claro, das inúmeras outras tarefas administrativas e burocráticas que fazem parte do cotidiano de uma instituição, das quais o prestador de serviços raramente é poupado<sup>6</sup>. No caso do MIS|GO, o debate e consulta entre os membros da equipe e a coordenação dos trabalhos foi importante para estabelecer prioridades, metodologias de trabalho e as linhas de investigação que deveriam ser priorizadas para se atingir os prazos estipulados pelo convênio do Projeto. Estas escolhas ficaram bem definidas no *Guia do Acervo*, um dos produtos finais do Projeto.

Diversas outras ferramentas e instrumentos de pesquisa foram desenvolvidos para auxiliar o pesquisador na busca por determinado tema, indexador, referência, ou qualquer outra forma de acesso a informações no Acervo AF, estendendo-se a todos os demais fundos do Acervo Imagético do MIS-GO.

A imagem fotográfica, principalmente no que se refere à produção de álbuns de família, pessoas públicas e artistas, é inevitavelmente relacionada à memória; seja esta memória pessoal, privada ou coletiva. Cabe lembrar que Maurice Halbwachs (2004) nos ensina que a memória coletiva é uma construção histórica. Como centro detentor de memórias, o MIS-GO é frequentemente procurado por pesquisadores ou particulares que buscam mais informações sobre pessoas públicas, artistas ou familiares. Qual tipo de informação a instituição tem o dever, ou o direito, de fornecer ao pesquisador ainda é um campo nebuloso para os centros informacionais. A ampla abertura de acervos, no momento em que vivemos um “despertar dos museus” e que Philippe Artières(2011) chama a atenção para os “novos usos sociais dos arquivos” é uma questão que deve ser considerada enquanto trabalhamos constantemente na consolidação da profissionalização do historiador.

<sup>6</sup>Além dos rotineiros relatórios de atividades e prestações de contas, durante o período de execução do Projeto AF o acervo se movimentou bastante. Primeiro passou pela mudança da antiga residência dos Feichtenberger para o Centro Cultural Marieta Teles Machado, depois foi temporariamente alojado no Museu Zoroastro Artiaga, enquanto o espaço da área técnica do MIS-GO passava por uma grande reforma, por fim, era constantemente deslocado por problemas com a infraestrutura do prédio.



Para além deste estudo de caso, seria também interessante debater a capacitação do profissional de História que atenda a este tipo de demanda da “nova” profissão. Frente ao potencial de informações que uma imagem pode transmitir faz-se necessário um profissional capaz de revelar não apenas o que está explícito na representação fotográfica, mas também o seu contexto, o que se encontra implícito na cena. Isso é o trabalho de interpretar o que o fotógrafo quis mostrar. A bagagem cultural, portanto, desse profissional da história, além, obviamente, de acesso aos recursos necessários para alcançar essa “leitura” das imagens, torna-se uma questão fundamental. Enquanto isso, na outra ponta do problema, cada vez mais se questiona a qualidade da formação do historiador, em fase à fragmentação, compartimentação, especialização, e assim por diante, do ensino acadêmico.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARTIÈRES, Philippe. *Monumentos de papel: a propósito de novos usos sociais dos arquivos*. In: SALOMON, Marlon (Org.). *Saber dos Arquivos*. Goiânia: Edições Ricochete, 2011. Pp. 99-110.

CÂNDIDO, Manuelina M. Duarte. *Gestão de Museus, Diagnóstico Museológico e Planejamento: um Desafio Contemporâneo*. 2ª edição. Porto Alegre: Medianiz, 2014.

FEICHTENBERGER, Alois. *Relatório de viagem ao norte de Goiás*. (datilografado). Acervo AloisFeichtenberger. Museu da Imagem e do Som – GO. Outubro de 1937.

\_\_\_\_\_. *Unterbrasilianischen Gold – und Diamantensuchern (Sob o ouro brasileiro, garimpeiros de diamantes)*. Tradução Marcelo Gross Villanova. In: Jornal DeutcherMorgen. São Paulo: 22. Dez. 1939.

\_\_\_\_\_. *Gründung und Schicksale der Kolonie Rio Uvá im Staate Goyaz (A implantação e o destino da Colônia de Uvá, no Estado de Goiás)*. Tradução Marcelo Gross Villanova. In: Jahrbuch "Volk" und Heimat. Viena: Typographia Wenig & Cia, 1939.

\_\_\_\_\_. *Der Rio Araguaia und feine Indianer (O Rio Araguaia e seus índios)*. Tradução Marcelo Gross Villanova. In: Jahrbuch "Volk" und Heimat. Viena: Typographia Wenig & Cia, 1939.

\_\_\_\_\_. *Fahrten an der Paranaenser Hüfte (Passeios na costa paranaense)*. Tradução Marcelo Gross Villanova. In: Jornal DeutcherMorgen. São Paulo: 22. Fev; 03. Mar; 10. Mar. 1939.

\_\_\_\_\_. *Fahrt ins Itatiaia: Gebirge (Viagem a Itatiaia: Montanhas)*. Tradução Marcelo Gross Villanova. In: Jornal DeutcherMorgen. São Paulo: 28. Abr. 1939.



\_\_\_\_\_. *Viagem e caçando pelo interior do Brasil*. In: Almanaque Melhoramentos Nº 2. São Paulo: Cia. Melhoramentos, 1954. P. 68-70.

\_\_\_\_\_. *Relatório das visitas às unidades das Indústrias Matarazzo no interior paulista, Belo Horizonte e Salvador*. Acervo AloisFeichtenberger. Museu da Imagem e do Som – GO. 1960.

\_\_\_\_\_. *A mesma Goiânia, ontem e hoje*. In: Jornal Diário do Oeste. 20. Out. 1960.

\_\_\_\_\_. *Era uma vez uma Cachoeira Dourada*. In: Revista O Cruzeiro. Mar. 1968.

\_\_\_\_\_. *A vingança da natureza*. In: Jornal

\_\_\_\_\_. *Goiânia: as imagens dos tempos pioneiros*. In: Jornal O Popular. 20. Out. 1976.

\_\_\_\_\_. *Flagrantes da vida de um fotógrafo*. (datilografado). Acervo AloisFeichtenberger. Museu da Imagem e do Som – GO. 1976.

\_\_\_\_\_. *Paraíba: o fascínio da natureza*. In: Jornal Folha de Goiás. 02. Abr. 1978.

\_\_\_\_\_. *Porque as catástrofes das enchentes?* In: Jornal O Popular. 04. Mar. 1979.

\_\_\_\_\_. *Uvá: uma colônia nata alemã. Memórias de um fotógrafo-repórter*. In: O Popular. 03. Ago. 1986.

\_\_\_\_\_. *Rio Araguaia e seus índios*. (datilografado). Acervo AloisFeichtenberger. Museu da Imagem e do Som – GO.s/d.

\_\_\_\_\_. *Brasil vivenciado (Erlebtsbrasilien). 14 anos sob o Cruzeiro do Sul*. (datilografado). Tradução Marcelo Gross Villanova. Acervo AloisFeichtenberger. Museu da Imagem e do Som – GO. s/d.

\_\_\_\_\_. *Brasil – País tropical em crise permanente (Brasilien – Tropenland in dauerkrise)*. Tradução Marcelo Gross Villanova. Acervo AloisFeichtenberger. Museu da Imagem e do Som – GO. s/d.

\_\_\_\_\_. *Diários. Volumes I – XIII*. Tradução Marcelo Gross Villanova. Acervo AloisFeichtenberger. Museu da Imagem e do Som – GO. 1929 - 1959.

HALBWACKS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004.

KOSSOY, Boris. *Realidades e Ficções na Trama Fotográfica*. 4ª edição. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

\_\_\_\_\_. *Fotografia & História*. 5ª edição. São Paulo: Ateliê Editorial, 2014.



MENDONÇA, Tânia Carneiro. *Museu da Imagem e do Som: um olhar museológico sobre acervos audiovisuais*. Monografia de Especialização em Museologia. Goiânia: UFG/Museu Antropológico, 2001.

SÃO PAULO ANTIGO, SÃO PAULO MODERNO. *Álbum Comparativo*. Fotos de Alois Feichtenberger. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1953.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. *VII Semana de História. I Colóquio de Pesquisas da História. Caderno de Resumos*. Goiânia: Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, 2008.